

Como citar este artigo: DONINI, Adriana. Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 06, n. 01, pp. 63-83, jan./jun. 2015.

Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini¹

Recebido em: 06 de maio de 2014.
Aprovado em: 26 de janeiro de 2015.

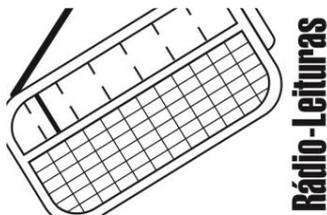
Resumo

Este artigo discute a potencialização da memória em relação ao rádio por meio da inovação tecnológica. Inicialmente, são expostos conceitos relativos à memória, incluindo perspectiva na qual se enquadram acervos sonoros. Em seguida, apresentados breve histórico de suportes utilizados em gravações realizadas pelo meio radiofônico, diretrizes de preservação e digitalização de áudios. E, por fim, mencionados exemplos de programas que disseminam as memórias de emissoras de rádio.

Palavras-chave: rádio; memória; digitalização

A valorização de elementos do passado tem se ampliado em vários cenários, incluindo o universo da comunicação, moda e decoração, políticas culturais e empresariais. Há, por exemplo, diversos editais de fomento que contemplam a preservação de patrimônios materiais e imateriais e instituições têm procurado recuperar suas trajetórias e torná-las mais públicas, seja por meio de projetos que envolvem coleta de depoimentos, de maior acessibilidade a documentos armazenados ou exposição de objetos que encontravam-se guardados e foram restaurados.

¹ Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração (USC) e mestra em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).
E-mail: dridonini@gmail.com



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

Essa tendência tem encontrado fluência entre os consumidores e possibilita a experiência de reencontro com elementos do passado que remetem a lembranças ou à proximidade com algo que a pessoa não obteve contato anterior, mas que, pelo aspecto nostálgico, desperta o interesse dela.

Sobre a relação consumidor e elementos do passado, Prestes e Macedo (2013, p. 3) comentam que:

(...) além dos objetos inspirados no passado, pode-se dizer que tudo aquilo que é capaz de reconstruir o passado, trazendo memórias e fazendo com que o indivíduo sintá-se nostálgico, é uma forma de chamar sua atenção, podendo conquistá-lo e possibilitando, portanto, uma maior identificação.

A preservação da memória também tem se expandido em relação a acervos sonoros, sobretudo pela possibilidade de digitalização e disponibilização ao público proporcionada pela informatização. Entre essas iniciativas de preocupação com a preservação, estão tanto a organização e a digitalização de áudios quanto a divulgação, como é o caso de produção e veiculação de programas de rádio que incluem os materiais históricos.

Ainda podemos destacar que, com os avanços tecnológicos, o rádio adquiriu vantagens com a possibilidade de armazenar conteúdos levados ao ar em seus sites e, assim, configurar sua memória nessa plataforma.

Neste artigo, abordamos conceitos relativos à memória, com destaque para a vertente sobre esse assunto relacionada a acervos de áudios; suportes sonoros; processos e protocolos utilizados na digitalização de acervos; e experiência de duas emissoras de rádio que possuem programas que veiculam gravações presentes em seus acervos.

Para tal, utilizamos pesquisa exploratória que contemplou bibliografia sobre os temas enfocados, entrevista com a responsável pelo Centro de Documentação do Sistema Globo de Rádio e exemplos de produções que utilizam áudios de acervos, sobre as quais realizamos caracterização e análise da prevalência de enfoques presentes nas edições citadas nesse estudo.

O intuito deste artigo não é desenvolver um estudo aprofundado desses programas, mas mostrar possibilidades de disseminação dos conteúdos dos arquivos de emissoras de rádio e importância da preservação dos áudios.

1. Conceituação geral de memória e vertente em que se enquadram acervos sonoros

No início, a memória era vista como algo mitológico; porém, no século XIX, começou a haver reflexões do ponto de vista mais social sobre esse tema – que se tornou alvo de abordagens realizadas por investigadores de diversas áreas do conhecimento.

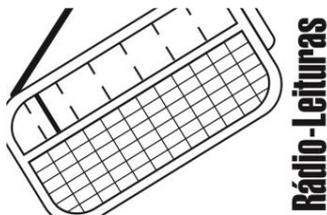
Dessa maneira, à memória são atribuídos vários significados. Mas, em meio aos conceitos, percebe-se que ela é, em geral, enfocada principalmente sob duas vertentes: a da neurociência, relacionada a elementos orgânicos e individuais, e a coletiva ou social.

Segundo Barrenechea (2005), Nietzsche teria abordado no século XIX uma perspectiva mais abrangente para memória, embora Halbwachs seja considerado o precursor da memória coletiva.

Para Halbwachs (1990) a memória do indivíduo, mesmo sendo relativa a um momento em que ele esteve só, possui traços da família, classe social, igreja, profissão, ou seja, dos grupos a que pertence e se relaciona cada pessoa. Em sua visão, a memória individual estaria contida na coletiva que, inclusive, ajudaria a ampliá-la, conforme o autor cita neste trecho:

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27)

Le Goff (1990, p. 423), por sua vez, comenta que:



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Gomes e Santos (2004, p. 4) consideram a integração entre cultura e memória da seguinte maneira:

Do ponto de vista sociocognitivo, é na memória onde se processam as associações de ideias, os questionamentos sobre o desconhecido, a busca do sentido das vivências no mundo para se obter respostas. Reunindo tudo isso, chegaremos à concepção de cultura, argumento pelo qual se infere que *cultura e memória* também não podem estar dissociadas. (grifo dos autores)

Analisada sob a óptica não psíquica, documentos, imagens e sons, por exemplo, são alguns registros que passam a se constituir em memória ao serem guardados e acessados. Por meio de elementos como esses, é possível reavivar fatos passados, que se tornam mais claros quando se consegue obter informações contextualizadas sobre os retratos contidos neles e que podem validar ou confrontar os seus conteúdos. Neste estudo, adotamos essa perspectiva de memória, direcionando a arquivos sonoros.

Palácios (2002) também inclui em categorias sobre webjornalismo, estabelecidas por ele, a classificação memória, que está relacionada à capacidade de armazenamento e pesquisa de dados.

Magnoni e Almeida (2010, p. 436) consideram que os sites de emissora de rádio colaboram com a memória, conforme notamos neste trecho de artigo publicado por eles ao comentarem a institucionalidade, outra categoria apresentada por Palácios:

Não há um espaço adequado na programação regular, para divulgar as memórias de um veículo. Em um *site*, registros e relatos históricos, galerias com fotos de artistas, animadores, personalidades e até equipamentos tem espaço assegurado e tornam-se fonte de curiosidade e até de pesquisa. Outro atrativo adicional surge com a digitalização de trechos de velhos e raros programas, que escaparam milagrosamente do reaproveitamento dos discos e fitas de gravação em estúdio, uma prática comum que apagou quase toda a memória das emissoras brasileiras.

É importante ressaltar que a clareza e a redundância na elaboração de conteúdos para o rádio eram características já estabelecidas, sobretudo em manuais de redação, tendo em vista que as pessoas precisavam ouvir as mensagens no momento em que elas eram veiculadas. Porém, com a digitalização, esse aspecto passou por alterações e, atualmente, é comum as emissoras disponibilizarem arquivos de áudios veiculados em suas páginas virtuais.

2. Principais suportes sonoros

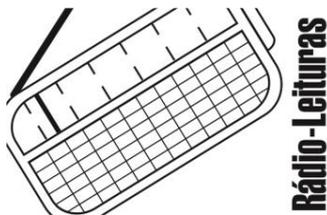
St. Laurent (2001, p. 8) define registro sonoro da seguinte maneira:

Registros sonoros são artefatos legíveis por máquinas, são documentos em que a integridade da informação contida está diretamente relacionada ao bem-estar físico do artefato. Uma vez que a maioria dos registros sonoros é feita de plástico, a conservação deve ser tratada como um problema de degradação de plásticos, exigindo uma conservação diferente daquela conservação do papel. É importante compreender os processos químicos degenerativos básicos e os princípios de retenção do som pelos diversos meios para assegurar que medidas apropriadas sejam tomadas para reduzir a taxa de degradação.

Ao longo da história, os conteúdos sonoros foram gravados e reproduzidos em vários suportes. Em 1877, Thomas Edison desenvolveu o fonógrafo. Nesse equipamento, o registro sonoro ocorria por meio de uma agulha que riscava um cilindro de cera, assim os sulcos é que passavam a conter a gravação realizada.

No gramofone, inventado por Emile Berliner, os cilindros foram substituídos por discos planos. Em 1898, o cientista dinamarquês Valdemar Poulsen patenteou o Telegrafone, gravador magnético por meio do qual o registro sonoro era realizado em fio de arame.

A evolução mais significativa e de maior impacto tecnológico foi a adoção do sistema elétrico de gravação. No Brasil, esse mecanismo foi implantado em 1927 pela Odeon. Ao contrário do que ocorria no sistema mecânico, o som gerado era transformado em sinal de corrente eletromagnética e depois amplificado no momento



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

da gravação e da reprodução.

Os discos passaram por várias evoluções, sendo que, em 1927, foram introduzidos os 78 rotações por minuto (RPM) e, em 1948, é que a Columbia lançou o *Long Play* (LP) que, na década de 1950, passou a ser confeccionado em vinil.

Após teste de obtenção de óxido de ferro, em 1934, a Basf criou a fita magnética feita de poliéster. No ano seguinte, foi desenvolvido o magnetofone, aparelho de gravação para este tipo de fita.

Sobre as fitas magnéticas, Buarque (2008, p. 41-42) expõe que:

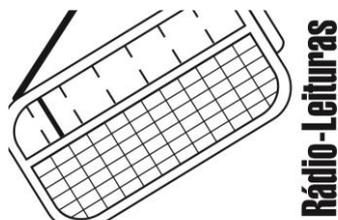
A gravação magnética surgiu no século XIX, mas foi utilizada em baixa escala, paralelamente aos cilindros e gramofones. Seu uso mais amplo só ocorreu durante a II Guerra. Mundial, pelas rádios alemães. Após a guerra, a tecnologia chegou aos Estados Unidos, a partir de onde se disseminou mundialmente. Até meados dos anos 1950, o uso dessa tecnologia era restrito ao meio profissional e à indústria fonográfica. A partir de então, foram desenvolvidos gravadores domésticos, rodando em velocidades mais lentas.

Esse suporte foi um dos mais usados pelas emissoras de rádio para gravações de programas até a década de 1990, conforme lembra Prado (2012, p. 18): “Até o começo da década de 1990, gravávamos programas em fitas de rolo, editávamos com gilete e juntávamos a fita com durex. Os estúdios eram equipados com *pick-ups*, cartucheiras e com enormes gravadores de rolo”.

A fita cassete foi uma criação da Philips, em 1963, sendo bastante utilizada principalmente em reportagens realizadas com gravadores portáteis. No ano seguinte, foi apresentado o denominado cartucho.

Já a gravação em áudio digital em fita magnética, segundo Buarque (2008), foi introduzida nos anos 1980 e, de acordo com ele, o R-DAT foi o que teve maior popularidade, principalmente no meio profissional e teria se tornado obsoleto em 2006.

No final dos anos 1980 e na década de 1990, os CDs foram utilizados para execução de gravações musicais. Outro suporte usado pelas emissoras de rádio para



gravação e reprodução de seus conteúdos foi o *MiniDisc* (md), que tinha como objetivo armazenar o áudio em um sistema digital.

Prado (ibid), p. 18 relata também como essa inovação foi recebida por profissionais de rádio na época:

Quando o MD surgiu, foi outro avanço. Como conseguíamos armazenar tudo naqueles disquinhos? Parecia mágica! As músicas, as vinhetas, os BGs (de *background* = música de fundo), as entrevistas, depoimentos, etc. armazenados em um único MD, bastava para começarmos o programa.

A partir de 2000, o computador foi o recurso adotado na gravação, edição, veiculação e armazenamento de conteúdos.

3. Digitalização como recurso para preservação e divulgação de acervos

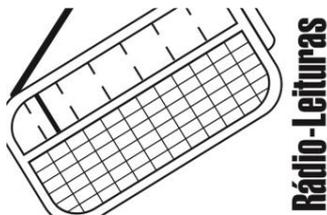
Há consenso entre pesquisadores que a digitalização é fundamental à manutenção da memória de documentos.

Buarque (2008, p. 38) aborda maior conscientização nos últimos anos em relação a esse procedimento:

Dos anos 1990 para cá, os profissionais dedicados à preservação de documentos sonoros perceberam que os métodos tradicionais de preservação voltados para essa área teriam que ser reconsiderados. (...) Atualmente, ao contrário, os esforços estão todos voltados para o conteúdo, que só pode ser preservado por meio de métodos de migração de sistemas utilizados no campo da informática. O uso de tecnologias digitais está trazendo novas possibilidades para a preservação de longo prazo de acervos sonoros, através de métodos mais profissionais e seguros.

No caso de arquivos sonoros, publicações elaboradas pela Associação Internacional de Arquivos Sonoros e Audiovisuais (IASA), criada em 1969, são opções de diretrizes dos procedimentos a serem adotados.

Entre as obras produzidas pela IASA, está a terceira versão da *Safeguarding the Audio Heritage: Ethics, Principles and Preservation Strategy* (IASA- TC 03), publicada em 2005, e que visa identificar problemas e recomendar técnicas em relação a



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

arquivos audiovisuais. Segundo este documento, devem ser considerados principalmente a aquisição, a documentação, o acesso e a preservação dos suportes.

(<http://www.iasa-web.org/>)

Em 2009, foi editada a IASA-TC 04 - *Guidelines on the Production and Preservation of Digital Audio Objects*. Enquanto as versões da TC 03 enfocam os princípios, as da TC 04 são compostas por pressupostos teóricos mais avançados e maior aplicação prática em relação às edições da TC 03.

Vamos priorizar os procedimentos de digitalização referentes a fitas magnéticas de rolo pelo fato de ter sido utilizada para gravações de conteúdos em um período mais extenso. No entanto, alguns dos processos mencionados podem ser aplicados a outros suportes sonoros.

Diversos estudos apontaram como etapas a serem seguidas na preservação desses suportes, a higienização, digitalização, catalogação, armazenamento e acessibilidade.

No caso das fitas magnéticas de rolo, St. Laurent (2001, p. 9) atenta para cuidados em relação à degradação causada por hidrólise, que consiste em uma reação química: “A hidrólise na fita magnética resulta na eliminação, pelo aglutinante, de um material gomoso e pegajoso que faz com que as camadas de fita se colem umas às outras e iniba a reprodução quando depositado sobre as cabeças do gravador”.

Em relação às etapas que antecedem à digitalização, é recomendado que inicialmente sejam avaliadas as condições do material por meio de uma inspeção visual. Antes de reproduzir a fita, é indicado que se rebobine² a mesma em velocidade lenta, caso esteja armazenada por mais de seis meses, conforme consta em orientações impressas nas caixas das fitas Basf.

Sobre as condições de armazenamento do material original, na TC 03 são destacados o controle das variações dos níveis de umidade e temperatura. (MAGALHÃES, 2012)

² Há fitas de rolo que possuem emendas. Ao rebobiná-las, essas junções podem se soltar, então, é necessário reemendá-las antes da digitalização.

A transferência para o meio digital ocorre por meio de software de áudio. Após digitalizar o conteúdo, pode ser realizada uma melhora das gravações, como eliminação de ruídos, por meio da utilização de programas de áudio, caso não seja possível corrigir as interferências antes da transferência dos conteúdos originais.

Quanto ao armazenamento do material digitalizado, recomenda-se a manutenção de pelo menos duas cópias e que as mesmas, quando possível, sejam armazenadas em locais diferentes.

4. Memória radiofônica

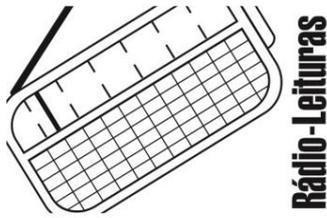
A transmissão brasileira considerada oficialmente como pioneira é a que ocorreu durante as festividades do centenário da independência do País, em setembro de 1922.

As emissoras de rádio sempre acompanharam e reservaram espaço para acontecimentos políticos, sociais, culturais e esportivos, sendo em várias ocasiões o meio de maior alcance em eventos históricos como, por exemplo, a Copa do Mundo de 1938 e a Segunda Guerra Mundial.

Porém, não é comum as emissoras possuírem arquivos de áudio que documentem toda a sua trajetória. Esse aspecto se deve ao fato de não haver preocupação em preservar os materiais e ao custo dos suportes que eram utilizados. O parágrafo 1º do artigo 58 da Lei No 5.250, de 9 de fevereiro de 1967 estabelecia que

Os programas de debates, entrevistas ou outros que não correspondam a textos previamente escritos, deverão ser gravados e conservados pelo prazo, a contar da data da transmissão, de 20 dias, no caso de permissionária ou concessionária de emissora de até 1 kW, e de 30 dias, nos demais casos.

Geralmente, após esse período, os conteúdos eram apagados e as fitas reaproveitadas para novas gravações. No entanto, algumas empresas de comunicação desse segmento e também profissionais que atuaram no rádio armazenaram registros sonoros que têm sido recuperados, digitalizados e utilizados em produções



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

radiofônicas. Muitas vezes, os arquivos são fragmentados, ou seja, foram preservados apenas trechos de gravações e apresentam lacunas temporais.

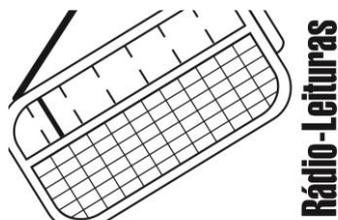
A seguir, apresentaremos dois exemplos de emissoras que possuem centros de documentação e tornaram público parte de seus acervos ou de áudios veiculados pelo rádio de maneira geral. Nos dois casos, o nosso trabalho se ateve à descrição das produções e identificação dos temas predominantes.

Segundo informações constantes no site da Rádio USP FM (emissora educativa da Universidade de São Paulo), o programa *Memória*, comandado pelo jornalista Milton Parron, teve início em 1983, na Rádio Jovem Pan, com o intuito de apresentar arquivos sonoros da coleção desse profissional que, inclusive, começou a receber também áudios que os ouvintes possuíam e disponibilizaram para que fossem exibidos. Depois, a produção passou a integrar a grade de programação da Rádio Bandeirantes e da Rádio, USP nas quais ela é veiculada aos sábados, das 9h às 10h.

A Rádio Bandeirantes foi inaugurada em 6 de maio de 1937, sendo pioneira na transmissão via satélite. No site da emissora, consta que o *Memória* consiste em um “documentário de assuntos variados destacando materiais do Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes (Cedom). Política, artes, espetáculos, esportes: os assuntos que marcaram o mundo são abordados neste programa, que recupera a história de São Paulo, do País e de todo o planeta”.

Sobre o trabalho desenvolvido pelo jornalista Milton Parron no Cedom, Magnoni e Almeida (2009, p. 442) comentam que:

Um dos exemplos mais interessantes de memória radiofônica *online* é o Cedom – Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes. O projeto abriga um arquivo sonoro coordenado pelo veterano radialista Milton Parron, que trabalha na recuperação de áudios armazenados pela Rádio Bandeirantes desde a sua criação. Parron resgata e digitaliza sons gravados em acetatos, fitas de rolo, cassetes e MDs e exibe uma sonora por semana no *site* da RB. É um projeto importante para registro da história do rádio brasileiro, e funciona como uma fonoteca virtual.



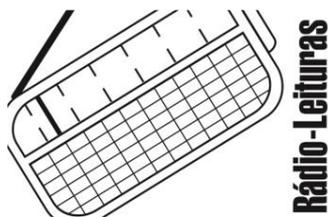
Os programas do *Memória* já veiculados estão disponíveis em <http://radiobandeirantes.band.uol.com.br/conteudo.asp?PDT=26>, sendo dispostos por data e assunto.

Na Rádio USP, que teve início em 11 de outubro de 1977, podem ser acessadas por meio do site <http://www.radio.usp.br/programa.php?id=13> as edições do *Memória* exibidas desde 2009. Na época de elaboração deste artigo, os arquivos estavam divididos por datas, sendo que, cada programa contava com três blocos e não era possível consultar o tema antes de ouvir.

Em setembro de 2011, Parron, que é diretor do Cedom, disponibilizou um blog (<http://blogs.band.com.br/miltonparron/>). Na época, o jornalista declarou que a internet serviria para “ajudar a expandir a voz do rádio”. Nesse espaço mais atual, consta a seguinte chamada referente ao programa “[Reveja e comente os assuntos que marcaram SP, o país e o mundo, agora também neste blog, que recupera a história](#)”.

Quanto à estrutura do programa, no blog são publicados uma imagem referente ao assunto e um texto introdutório antes da inserção do áudio. Geralmente após o arquivo sonoro, há novamente um pequeno texto. Diferentemente dos áudios arquivados no site em que consta apenas título, data e a opção de ouvir, não sendo explorados outros elementos textuais. Sobre a temática abordada, de maneira geral são enfocados, principalmente, temas culturais e políticos e os assuntos abordados em cada postagem não coincidem com os transmitidos pelas rádios, se comparamos as datas e temas dos dois canais.

Apresentamos, a seguir, exemplos de programas que foram veiculados pelo *Memória* no segundo semestre de 2013 e disponibilizados no site da Rádio Bandeirantes. Com o intuito de manter um equilíbrio da amostra, o número de produções que compõe o quadro abaixo é equivalente à quantidade de programas que serão citados quando enfocarmos o programa da Rádio Globo, embora nos sites e blog estejam disponibilizadas mais edições do *Memória*.



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

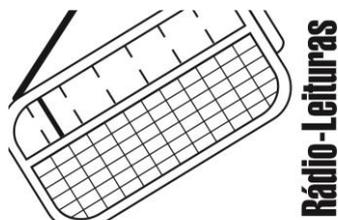
Adriana Donini

Quadro 1 - Relação de edições do Memória veiculadas entre junho e dezembro de 2013.

Data de veiculação	Assunto do programa
28/12/2013	Mazzaropi
21/12/2013	Chico Anísio
14/12/2013	Fiori Gigliotti
07/12/2013	O locutor esportivo Pedro Luis
30/11/2013	Patativa do Assaré
16/11/2013	Circo
9/11/2013	O Tango
02/11/2013	Orlando Silva, o cantor das multidões
26/10/2013	O cantor e compositor Adelino Moreira
05/10/2013	Dona Ivone Lara
28/9/2013	Antônio Gabriel Nássara
21/9/2013	Wilson Simonal
14/9/2013	Tonico e Tinoco
7/9/2013	Lances Inusitados
31/8/2013	Programas antigos de Rádio - parte 2
24/8/2013	Programas antigos de Rádio - parte 1
17/8/2013	Raul Solnado
10/8/2013	Hélio Ribeiro entrevista Elis Regina - parte 2
3/8/2013	Hélio Ribeiro entrevista Elis Regina – parte 1
27/7/2013	Titulares do ritmo
20/7/2013	Papa no Brasil
13/7/2013	Jerônimo
6/7/2013	Revolução de 1932
29/6/2013	Luiz Vieira

Fonte: elaborado pela autora a partir de informações extraídas em <http://radiobandeirantes.band.uol.com.br/conteudo.asp?PDT=26>

A Rádio Globo também promoveu experiência de tornar público áudios de acervo por meio do quadro intitulado *Rádio Memória* (<http://radioglobo.globoradio.globo.com/radio-memoria/RADIO-MEMORIA.htm>), que se originou a partir do projeto Memória do Rádio, o qual, segundo Wanessa Canellas,



responsável pelo Centro de Documentação e Pesquisa (Cedope) do Sistema Globo de Rádio, teve início em 2005, com o intuito de digitalizar todo o acervo sonoro das emissoras pertencentes ao Sistema Globo de Rádio, composto pelas rádios Globo, CBN, Globo FM e as extintas Mundial e Eldopop.

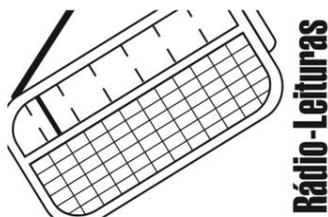
De acordo com Canellas (2013), cerca de 2.000 gravações entre fitas de rolos magnéticas, fitas DAT e MDs foram digitalizados. O tratamento dos áudios, segundo ela, foi realizado por meio do software Sound Forge.

Ela também explica que, desde 2005, todos os conteúdos gerados nas emissoras são identificados, selecionados e armazenados, o que representa mais de 110.000 áudios cadastrados na base de dados do Sistema Globo de Rádio.

Especificamente sobre o *Rádio Memória*, o objetivo é relembrar, por exemplo, vozes e programas que marcaram época, as vinhetas inovadoras, os bordões dos narradores esportivos e gols.

Segundo Canellas (ibid.), um dos critérios adotados na seleção dos assuntos consistiu em datas comemorativas constantes em calendário elaborado internamente. Mas também foi aberto espaço para participação dos ouvintes por meio do envio de sugestões, sendo que, em algumas edições as solicitações de assuntos que as pessoas gostariam de escutar foram atendidas. Esse foi o caso, por exemplo, da produção Carta da Vovó, do Troféu Rádio Globo e do programa que enfocou o cantor Roberto Carlos.

A produção contou com dois períodos de veiculação. Um deles foi de agosto de 2010 a março de 2011, o que totalizou 23 programas exibidos às quintas-feiras, às 17h30, durante o programa *Globo Esportivo*, apresentado por José Carlos Araújo. Outra etapa abrangeu transmissão de agosto de 2012 a março de 2013, durante a Domingueira da Globo, comandada por Soares Júnior. Nessa fase, o quadro ia ao ar aos domingos, às 23h15 e se iniciava com uma conversa descontraída entre o comunicador da Domingueira e Wanessa Canellas, do Cedope. A seguir, são apresentadas edições



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

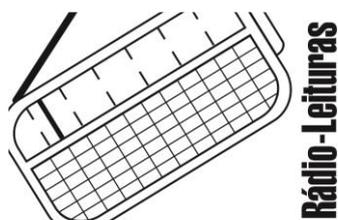
Adriana Donini

do segundo período de veiculação do *Rádio Memória* disponíveis no site da Rádio Globo³.

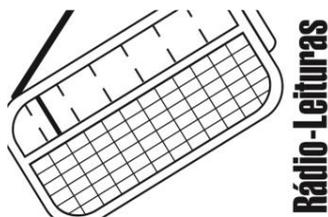
Quadro 2 – Relação de edições da segunda fase do Rádio Memória.

Data de veiculação	Resumo do programa
03/3/2013	60 anos de Zico O Natal do rubro-negro é comemorado no dia 3 de março, data de nascimento do eterno craque Zico. Relembre áudios de gols históricos!
20/1/2013	Carta da vovó O quadro do programa de Waldir Vieira fazia muito sucesso na época da redemocratização. O comunicador ironiza a situação criando o troféu 'Piores de 1982'.
6/1/ 2013	Garrincha Há 30 anos, o Brasil se despedia do gênio das pernas tortas, um jogador pouco documentado pela TV, mas celebrado nas ondas do rádio.
30/12/2012	Prêmio Rádio Globo Relembre Waldir Vieira, em 1982, exaltando os contemplados no Prêmio Rádio Globo. Esportistas, músicos e atores participaram da premiação.
16/12/2012	Simpatias de fim de ano Relembre o comunicador Paulo Giovanni conversando com Guta Matos. Ela deu uma simpatia para ganhar dinheiro no Ano Novo.
9/12/2012	Luiz Gonzaga Em dezembro, se estivesse vivo, o cantor e compositor completaria 100 anos. Confira uma entrevista dada por ele a Gilberto Lima, na década de 80.
2/12/2012	Baiano e Novos Caetanos Relembre uma entrevista de Gilberto Lima com Chico Anysio e Arnould Rodrigues, que incorporavam o grupo Baiano e Novos Caetanos, uma sátira aos hippies do Novos Baianos.
25/11/2012	Aniversário da Rádio Globo Nos 68 anos da rádio mais querida do Brasil, ouça uma seleção especial de áudios das nossas

³ Da relação de programas constantes no site da emissora excluímos apenas um áudio porque consistia em depoimento de um ouvinte do Rádio Memória que abordava a sua afinidade com o meio radiofônico, portanto, se diferenciava da proposta da produção.



	maiores estrelas. Relembre!
18/11/2012	Cartola O sambista, ícone da Mangueira e um dos mestres da música brasileira, ganhou a alcunha porque usava uma cartola quando trabalhava como operário. Relembre!
11/11/2012	Bossa nova em NY Há exatamente 50 anos, a bossa nova brasileira arrebatava ouvidos do exterior com show no Carnegie Hall.
4/11/2012	Roberto Carlos Relembre entrevista do Rei a Paulo Giovanni, na Rádio Globo, em 1975. A simplicidade do cantor é o que mais chama a atenção.
28/10/2012	O primeiro sequestro do Rio Em 1957, uma criança de 4 anos foi sequestrada e o raptor exigiu que a negociação fosse intermediada pelo comunicador Rubens do Amaral durante programa na Rádio Globo.
21/10/2012	Luiz Mendes O comentarista da palavra fácil, que nos deixou há um ano, dizia que, na Rádio Globo, desempenhou todas as funções e, por isso, a emissora tinha o formato do coração dele.
14/10/2012	90 anos de Dias Gomes O autor criou, para a televisão, imagens que até hoje povoam a mente do público, como as formigas saindo do nariz de Zico Rosado, em Saramandaia.
7/10/2012	Humor Relembre o Jacinto, da Turma da Maré Mansa. O programa, que exibido pela Rádio Globo nos anos 70 e 80, revelou Jô Soares.
30/9/2012	<u>Waldir Amaral</u> Há 15 anos morria o maior locutor esportivo do rádio brasileiro, que fez parte do time da Rádio Globo. Relembre!
23/9/2012	A Rádio Nacional Várias cantoras como Dalva de Oliveira, Ângela Maria ficaram consagradas na famosa era de ouro do rádio brasileiro. Nos anos 60, surge o 'comunicador amigo'.
16/9/2012	Política Faça um passeio pela história do Brasil e do mundo ouvindo áudios memoráveis da 2ª guerra mundial, da crise que levou ao suicídio de Vargas e de vários períodos da ditadura militar



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

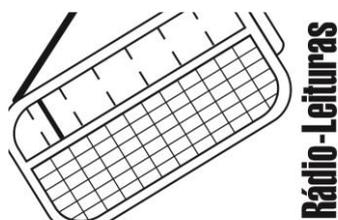
9/9/2012	Especial 90 anos Relembre os nomes que fizeram história no rádio esportivo
2/9/2012	Especial 90 anos Relembre as vozes marcantes do rádio brasileiro como Haroldo de Andrade, Waldir Vieira e Gilberto Lima
26/8/2012	Rádio Memória: Repórter Esso A última edição do noticiário foi lida, com muita emoção, na Rádio Globo
19/8/2012	<u>Altamiro Carrilho</u> Relembre o trabalho do flautista brasileiro morto no dia 15 de agosto, aos 87 anos
13/8/2012	Jorge Amado 'Escritor revela detalhes da sua vida familiar', conta Wanessa Canellas
6/8/2012	Roquette Pinto 'Este é um áudio raro, sobre a primeira transmissão radiofônica no Brasil', afirma Wanessa Canellas

Fonte: Informações extraídas em <http://radioglobo.globo.com/radio-memoria/RADIO-MEMORIA.htm>

Pelos arquivos, é possível observar que, no período exposto nos dois quadros, houve maior predominância de áudios que enfocam programas de rádio que se destacaram e profissionais desse meio de comunicação na produção da Rádio Globo (conforme previsto no objetivo da produção) em relação ao *Memória* comandado por Milton Parron.

Porém, nota-se que há semelhança na prevalência da utilização de áudios referente a músicos nesses canais dedicados a veicular memórias do meio radiofônico. Vários programas também enfocaram humoristas. Além da categoria artista, entre outros temas que identificamos nessas amostras estiveram esporte, escritores, política.

É possível perceber ainda que datas comemorativas foram utilizadas como critérios em várias edições do *Memória* e do *Rádio Memória*. Entre os programas que priorizaram esse aspecto, podemos citar, por exemplo, os que abordaram: 60 anos do



jogador Zico; 30 anos da morte do jogador Garrincha; 100 anos de Luiz Gonzaga; áudios para celebrar os 90 anos do rádio; 50 anos da bossa nova; aniversário de 68 anos da Rádio Globo; e 90 anos de Dias Gomes.

Considerações finais

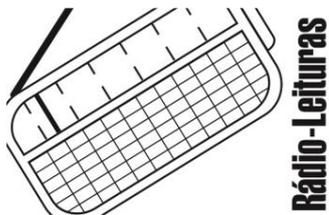
Produtos que contemplam elementos do passado têm conquistado espaço, principalmente, no âmbito cultural. O processo de digitalização, adotado por algumas empresas de comunicação ou instituições, favorece o acesso e preservação de documentos que antes se encontravam inutilizados e dispersos.

Arquivos sonoros de emissoras de rádio que contém não apenas a história das rádios, mas da sociedade, política e cultura, ou seja, da memória do país, têm se beneficiado com esse processo, afinal os suportes dos áudios foram confeccionados em materiais que se degradam e, com isso, os conteúdos podem ser perdidos ou danificados.

A ideia da abordagem exposta no presente artigo surgiu após conhecermos acervos de duas emissoras de rádio de um município do interior do Estado de São Paulo que possuem fitas de rolo e magnéticas, sendo que os mesmos não estavam higienizados, preservados e catalogados. Portanto, com o intuito de elaborar projeto de preservação e divulgação dos materiais dessas rádios realizamos levantamento bibliográfico sobre o tema.

Os exemplos utilizados, por sua vez, foram pensados com o intuito de mostrar possibilidades de colocar em prática a divulgação de arquivos sonoros e complementar a revisão de referencial teórico apresentado, que esperamos ser útil a quem pretende ter um conhecimento preliminar sobre etapas e protocolos envolvidos em preservação e digitalização de acervos.

Os suportes de gravações sonoras passaram por várias mudanças, sendo que alguns deles foram mais utilizados para armazenamento de áudios de arquivo como as fitas de rolo magnéticas, as cassetes, as DATs e os MDs.



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

Após protocolos que envolvem inspeção dos materiais, higienização, digitalização e catalogação, além de os materiais serem preservados e poderem ser disponibilizados, uma das formas de promover maior acesso a esses arquivos é a divulgação de seus conteúdos.

Para que isso ocorra, algumas emissoras têm realizado programas radiofônicos com os áudios armazenados ao longo de suas trajetórias. Nesse artigo, de caráter exploratório sobre o tema, apresentamos duas produções nesse sentido: o *Memória*, veiculado pelas rádios Bandeirantes e USP, e o *Rádio Memória*, que foi elaborado pela Rádio Globo.

Nas duas produções, constata-se, no período analisado, várias edições que abordam músicos. Embora os áudios tenham sido extraídos de produções das emissoras, houve edições que tiveram como foco mais especificamente determinados programas radiofônicos e profissionais que se destacaram nesse meio de comunicação, ou seja, a intenção foi apresentar como era a estrutura do programa e lembrar o comunicador e não um entrevistado ou centrar-se em um tema noticiado como ocorre em outras edições. A abordagem mais direcionada a produções das próprias emissoras prevaleceu no quadro da Rádio Globo.

No *Memória*, que possui um espaço de veiculação de uma hora na grade de programação, os temas apresentados contam com maior descrição e contextualização do que no *Rádio Memória* em que os temas foram apresentados de forma mais breve e a maioria das edições teve duração de 5 a 10 minutos.

Vale ressaltar que esses assuntos foram selecionados pelas emissoras de um acervo fragmentado. Canellas (2008), inclusive, identifica o caráter afetivo de indivíduos em relação aos materiais preservados nas décadas passadas nas emissoras do Sistema Globo de Rádio em detrimento a outros conteúdos que não foram mantidos.

Dessa maneira, entendemos que a inclusão desses espaços nas grades de programação possibilita que os ouvintes tenham acesso a conteúdos que integram a história do país e, que para alguns, podem ser importantes elementos de lembrança

de fatos, pessoas, programas, e para outros, de conhecimento e compreensão da trajetória e papel que o veículo desempenhou.

É importante destacar ainda que ao veicular esse tipo de programa a disponibilizar as edições em sites ou blog, amplia-se a memória dos conteúdos que passam a ser armazenados em mais uma plataforma e podem ser escutados a qualquer momento, aumentando, dessa maneira, a difusão.

Essas experiências apresentadas, que possuem diferentes formatos, demonstram a importância de as emissoras que ainda não armazenam os áudios veiculados, apesar das tecnologias atuais que favorecem esse processo, adotarem políticas de preservação de suas memórias, e das que possuem acervos implementar procedimentos para preservá-los e facilitar o acesso da sociedade aos conteúdos.

Referências

BARRENECHEA Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, J. ; DOBEDEI, V. (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra capa/ Programa de pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

BUARQUE, Marco D. **Documentos sonoros:** Características e estratégias de preservação. Ponto de Acesso, Salvador, v.2, n.2, p. 37-50, ago./set. 2008.

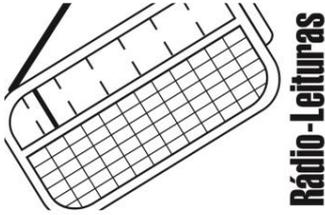
CANELLAS, Wanessa. **Memória, subjetividade e afeto nos bastidores do rádio.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2008, 163p.

_____. **Rádio Memória e digitalização do arquivo do Sistema Globo de Rádio.** Depoimento: out. 2013. Entrevistadora: Adriana Donini.

GOMES, Adriano L.; SANTOS, Alexandre F. Mídia e memória: uma análise dos documentos sonoros das emissoras de Rádio na cidade do Natal-RN (1945-1955). In: **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho.** Florianópolis, 15 – 17 de abril de 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** tradução Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.



Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini

MAGALHÃES, Ana F. **Levantamento de espólios fonográficos em fitas magnéticas - Avaliação do Estado de Conservação das Fitas.** 96 p. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2012.

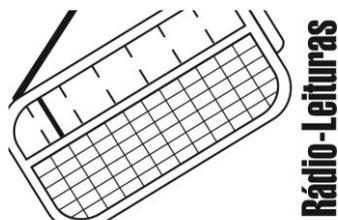
MAGNONI, Francisco; ALMEIDA, Ana Carolina. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao radiojornalismo. In: FERRARETO, Luiz Artur; Klöckner, Luciano (orgs.). **E o rádio? Nosso horizontes midiáticos.** ediPUCRS: Porto Alegre: 2010. p. 432-446.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

PRESTES, Ana Paula e MACEDO, Diana G. Influência da Nostalgia no Consumo Simbólico e Material de Bens. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação e Consumo (Comunicon 2013).** ESPM: São Paulo, 10-11 de outubro de 2013. Disponível em:

http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2013/comunicon_2013/gts/gtnove/GT09_PRESTES_MACEDO.pdf. Acesso em: dez. 2013.

ST. LAURENT. Gilles. **Guarda e manuseio de materiais sonoros.** Rio de Janeiro Arquivo Nacional - Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. 2 ed. Disponível em: http://www.arqsp.org.br/cpba/pdf_cadtec/43.pdf. Acesso em out. 2013.



Abstract

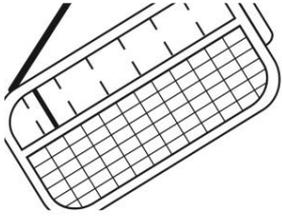
This article discusses the potentiation of memory in relation to the radio through technological innovation. Initially are exposed concepts of memory, including perspective in which fit sound collections. Then are presented brief history of media used in recordings made by radio means, guidelines for preservation and digitization of audio. And finally mentioned examples of programs that disseminate memories of radio.

Keywords: radio; memory; digitization

Resumen

Este artículo discute la potenciación de la memoria en relación al radio a través de la innovación tecnológica. Inicialmente, se muestran los conceptos relacionados con la memoria, incluyendo la perspectiva en la que pertenece archivos de sonido. Después, son presentados breve historia de soportes utilizados en grabaciones realizadas por el medio radio, directrices de preservación y digitalización de áudios. Y, por fin, mencionados ejemplos de programas que diseminan las memorias de emisoras de radio.

Palabras Clave: radio; memoria; digitalización



Rádio-Leituras

Digitalização como impulsionadora da preservação e divulgação da memória radiofônica

Adriana Donini